

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXXI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1992

Refere-se, na p. 115 «o áureo de Augusto que representa a cabeça do imperador coroada de espigas, com a legenda 'César Augusto divino e pai da pátria'». Compreende-se que nem sempre é possível — nem necessário — citar o apoio bibliográfico utilizado; mas talvez neste caso, inclusive para abrir pistas a quem desejasse aprofundar o tema, se pudesse ter incluído, em singela nota de rodapé, a referência a esta, ao que parece, invulgar numisma. Na verdade, o I volume do *Catalogue des Monnaies de l'Empire Romain*, dedicado a Augusto e editado pela Biblioteca Nacional de Paris, em 1976, sob a responsabilidade de Jean-Baptiste Giard, não parece apresentar nenhum exemplo comparável (as referências a espigas que vêm nos índices analíticos não dizem respeito a ornatos da cabeça imperial). Por outro lado, as legendas habituais apontam para uma tradução diferente: «César Augusto, filho do divino, pai da Pátria».

Gostaria também de ter visto, no final do volume, uma bibliografia geral, ainda que sintética, que inclusive permitisse identificar melhor, por exemplo, a obra colectiva citada, pela primeira vez, nas notas 4 e 5 da pág. 16: *I Canali della Propaganda nel Mondo Antico*, Milão, 1976; e nos possibilitasse apercebermo-nos, em visão de conjunto, do que de mais importante interessa consultar sobre um tema deveras apaixonante — cujo aperitivo António Augusto Tavares aqui nos serviu.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

LIDIA STORONI MAZZOLANE *Inscrizioni Funerarie Romane*, Milão, 1991. Biblioteca Universale Rizzoli. ISBN 88-17-16800-9. 361 pp.

Ao contrário do que o título poderia fazer entender, não estamos perante um simples *corpus* de inscrições funerárias romanas ou um tratado que as utilize como fonte histórica. A intenção da Autora foi demonstrar como até um epitáfio pode ser facilmente encarado de um ponto de vista literário, ou seja, como reflexo duma intencionalidade estética a transmitir e a captar.

Daí que a obra se leia não de um fôlego, porque é livro a meditar, mas com incontestável prazer—apesar do aparentemente fúnebre tema de que apenas se ocupa. São, ao todo, 175 textos, de que se dá, na página da esquerda, a versão latina e, na da direita, a tradução para italiano, acompanhada, em jeito de nota de pé de página, da informação bibliográfica e, por vezes, de um leve comentário interpretativo ou de remessa para um outro texto de índole literária que daquele foi fonte de inspiração ou mesmo que posteriormente nele se inspirou.

As fontes primordiais da colectânea são, necessariamente, o CIL (*Corpus Inscriptionum Latinarum*), as ILS (*Inscriptiones Latinae Selectae*, de H. Dessau) e os CLE (*Carmina Latina Epigraphica*, de F. Bücheler).

Explica Lidia Mazzolani, na nota introdutória (pp. V-XII), os critérios que adoptou para a recolha e transcrição; informa que, para além de textos funerários propriamente ditos, que ocupam as pp. 2-303, incluiu no volume «sortilégios» (pp. 306-315), «prognósticos» (pp. 318 e 319), grafitos de Pompeios (pp. 322-357), dois

exemplos de frases apostas em coleiras de ferro de escravos (pp. 360-361). E as oito páginas em branco, no final do volume, destinadas a «annotazioni» acentuam, em meu entender, o carácter de livro de meditação que Lidia Mazzolani também parece ter querido imprimir à sua obra.

Não é este, pois, um livro para comentar mas para ler. Permita-se-me, no entanto, que sobre o seu conteúdo teça duas ou três considerações.

Em primeiro lugar, foi dada primazia ao recorte literário. A ideia, singela ou não, mas vestida de agradável roupagem. Eco - ou não — de fórmulas colhidas em autores célebres que depois se vulgarizaram e se tornaram como que património comum. Já se disse que a autora tem o cuidado de o anotar, sempre que tal ocorre; e este é, aliás, um dos aliciantes tópicos de investigação que os textos epigráficos métricos amiúde possibilitam e que vem na sequência do trabalho, já clássico, de Raymond Chevallier: *Epigraphie et Littérature à Rome* (Faenza, 1972). Ou seja, que eco têm os escritores, os poetas, no dia-a-dia social?

Depois, é aqui que se colhem abundantes informações acerca duma filosofia existencial: como é que os Romanos encaravam a vida? Como é que imaginavam a experiência única e singular da morte? Que resta de muitos deles para além dum nome? (Recordamos a perspicaz comunicação de G. Sanders, que tem o sugestivo título «Sauver le nom de l'oubli» (*Africa Romana*, 7,1989, pp. 43-79); 'salvar o seu nome do esquecimento', era essa a preocupação maior. Daí, as cláusulas testamentárias a deixar pecúlio para que haja sepulcro condigno: «Enquanto, alegre, diligência para tomar o meu nome imorredoiro através duma inscrição, o herdeiro restituiu-me o dinheiro que lhe deixei» (*Turn queer it nomen multis notescere nostrum contentus titulo nummos mihi reddidit heres*: CIL VI 30131, p. 144). Daí, as imprecações contra quem ousar de alguma forma violar a sacralidade do recinto funerário (pp. 125-133).

Valerá a pena citar alguns exemplos:

. «Enquanto fui vivo, amealhei dinheiro sem nunca deixar de o perder. Adveio a morte e libertou-me de perdas e de ganhos» (p. 81, CIL VI 30111);

. «Cansado viandante, não fiques perplexo: esta estrada tem deste pó!» (p. 167: CIL VIII 7277);

. «Banhos, vinho e Vénus estragam nossos corpos. Mas são os banhos, o vinho e Vénus que enchem a nossa vida!» (p. 215, CIL VI 15258);

. «Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho, amores, ano após ano, foram minha companhia até à velhice», proclama Gaio Domício Primo (p. 101, CIL XIV 914);

. «Viandante, viandante: o que tu és também eu fui; o que ora sou sê-lo-ás também» (p. 295, CIL XI 6243).

Finalmente, é todo um quotidiano que perpassa ante o nosso olhar:

. A ternura que se reconhece mal orientada: «Quem quer que leia esta inscrição, mormente se jovem apaixonado, abstenha-se de enfeitar de ouro os braços da sua amada. Mesmo que ela se te abraçe ao pescoço com os braços adornados e te peça que a deixes trazer joias à altura dos seus méritos, contenta-a com vestidos, mas esquece as joias: assim manterás à distância ladrões e sedutores. Foi, de facto, vistosa

serpente nos seus braços a causadora da morte da minha dama e que a mim, o marido, golpeou o coração. Uma ferida que jamais há-de sarar!» (p. 85, CIL VI 5302).

. A ternura que se esconde atrás do anonimato: «Fui a sua primeira mulher e, durante a vida, agradei-lhe e fui-lhe querida. Exalei nos seus braços o derradeiro suspiro; foi ele quem, debilhado em lágrimas, me cerrou os olhos moribundos» (p. 93, CIL VI 6593).

. A morte provocada por erro dos médicos: «Aqui jaz Efèsia Rufra, boa mãe, esposa boa. Morreu por causa duma febre maligna que os médicos lhe provocaram e que ultrapassou todas as suas previsões» (p. 99, CIL VI 25580).

. O heroísmo: «Quando, meio desnudado, já lograra escapar dum incêndio, antepôs à sua a salvação alheia e tentou arrancar um outro às chamas; foi, porém, esmagado pelo desabar duma parede e entregou assim à natureza o generoso espírito e o corpo às suas origens» (p. 173, CIL XIII 2027).

. «A vida é breve, frágil a esperança: entrai! A lareira está acesa: enquanto houver luz, vamos beber, companheiros!» — foi gravado num copo (p. 119, CIL III 12013.3).

Fica, pois, sobejamente demonstrada a oportunidade desta edição. Claro que serão sempre discutíveis o critério de apresentação, a selecção feita (da Península Ibérica, salvo erro, apenas se seleccionou CIL II 1821), uma ou outra tradução, o laconismo das notas explicativas. Haverá outras formas de atingir os mesmos objectivos. Mas esta é válida e as mensagens que transmite são, afinal, intemporais e atópicas, pelo que não será descabido propor a sua mais ampla divulgação em várias línguas. Momento numa época — como a nossa — em que recrudescer o interesse por uma reflexão cada vez mais aprofundada sobre os valores existenciais e a morte se apresenta, de facto, como um desses temas de reflexão. Justificando a integração plena da Epigrafia no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, este livro de tema epigráfico representa bem a simbiose conseguida entre o científico, o humano (individual) e o social.

Seja-me permitido, também por isso, que anote dois ou três pontos que, em meu entender, se poderão observar quando se pensar numa nova edição.

Assim, creio que, na p. 99, se deverá traduzir por Rufra (e não Rufria) o cognome de *Ephesia*. Trata-se, aliás, de um cognome assaz raro, se tivermos em conta o facto de não ser referido por I. Kajanto (in *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965), que apenas apresenta *Rufrianus* (o. c., p. 154), não obstante ser um texto publicado no CIL (VI 25580).

A explicação da p. 143 (relativa a CIL XI 207) não se me afigura muito correcta ou, pelo menos, muito clara. O defunto, uma criança de 6 anos e 27 dias, chama-se *C. Publicius Ampliatus* e é apresentado como «filho de Gaius»; ora, a dedicatória é feita por *C. Publicius Proculeianus* «alumno suo». A questão está em saber o significado a atribuir ao termo *alumnus*, que pode entender-se como 'discipulo', 'filho adoptivo', 'escravo nascido em casa dos patrões'; a autora prefere considerá-lo «um filho de escravos», o que me parece errado, uma vez que no texto se dá o nome dos pais, Publicio Dionisio e Aurélia Tique, que são, afinal, quem superintende na execução do monumento (*curantibus*), pais a quem o defunto, de

resto, dirige a palavra no epitáfio: «Pai, não chores mais, e tu, ótima mãe, enxuga as lágrimas!».

Na nota da p. 173 é abordado o significado da representação da áscia nos monumentos funerários. Uma questão que, como se sabe, tem mais do que uma interpretação. A autora apenas se refere a uma: «significa que o mármore fora talhado segundo o ritual preceituado e era material incontaminado». Talvez tivesse sido possível, numa simples frase, dar a entender que se trata, na verdade, de um tema polémico.

Dá-se, na p. 179, uma explicação sumária acerca das funções do *beneficiarius*; uma gralha tipográfica (*mansioni* em vez de *missioni*) poderá eventualmente induzir em erro os desprevenidos.

Na tradução de CIL VIII1027 (p. 191), a ordem dos nomes não corresponde à que é dada na epígrafe.

No texto da p. 296, faltam a identificação dos defuntos, que aparece depois na tradução.

Dá-se conta, na p. 303, de um epitáfio métrico composto por Dámaso, «que foi papa entre 366 e 384». Teria sido interessante indicar também, porque tal vem na epígrafe, o ano em que ocorreu o óbito, ou seja, o do consulado de *Flavius Merobaudes* (no Ocidente) e de *Flavius Saturninus* (no Oriente): 383.